

ATIVIDADES PRÁTICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ÂMBITO DO PIBID

Rosicler Sartori ¹
Jéssica de Campos Silva ²
Tânia Regina da Rocha Unglaub ³

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência acerca da importância das atividades práticas no processo de alfabetização e letramento. O estudo decorre das vivências do primeiro ano de atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvidas em uma escola pública municipal de Ensino Fundamental, no município de Joinville/SC. A fundamentação metodológica da investigação pauta-se em uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, tendo como principais instrumentos a observação in loco e a participação ativa nas rotinas pedagógicas. Descrevem-se atividades práticas – como a contação de histórias com palitoques e fantoches, a confecção de alinhavos e estudo dirigido de dígrafos – correlacionando-as a referenciais teóricos sobre alfabetização e letramento. O estudo busca compreender de que maneira a ludicidade e a manipulação de materiais concretos podem potencializar a aquisição da escrita e a inserção da criança nas práticas sociais de leitura. Os resultados da experiência são articulados a referenciais teóricos que defendem a perspectiva do “alfabetizar letrando”, compreendendo que a consolidação da técnica de decodificação deve ocorrer de forma concomitante ao uso social da língua. Conclui-se que a inserção do pibidiano no ambiente escolar não apenas contribui para o engajamento dos alunos por meio das metodologias propostas, mas também se mostra determinante para a construção da identidade docente do futuro professor, fortalecendo uma práxis pedagógica reflexiva e crítica.

Palavras-chave: PIBID; Alfabetização; Letramento; Atividades Práticas; Formação Docente.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, rosiclercjm@hotmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, email jessica.campos.silva@hotmail.com;

³ Professora Orientadora, Coordenadora de área do PIBID ; Professora Assistente da UDESC, lotada no CEAD/UDESC e no programa de Pós Graduação - PPGINFO/UDESC. Doutora em História, (UFSC, 2008); Mestre em Educação (UNICAMP,2000); Pedagoga pela UFPR (1984). E-mail. taniaunglaub@udesc.br.



A alfabetização e o letramento constituem etapas fundamentais do processo educacional, uma vez que possibilitam à criança não apenas a apropriação do sistema de escrita alfabética, mas também a inserção nas práticas sociais de leitura e escrita. Nesse sentido, compreende-se que alfabetizar vai além do domínio técnico da decodificação, exigindo práticas pedagógicas que promovam o uso significativo da linguagem em contextos reais de comunicação, conforme defendem autores que abordam a perspectiva do “alfabetizar letrando”. Assim, conforme Soares (2020),

compreender como a criança aprende a língua escrita, o sistema alfabético e seus usos, e com base nessa compreensão, estimular e acompanhar a aprendizagem com motivação, propostas, intervenções, sugestões, orientações, o que supõe um olhar *reflexivo* e *propositivo* sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança (SOARES, 2020, p. 290)

No dia a dia das turmas do Ensino Fundamental, especialmente nas séries iniciais, o desafio do professor é equilibrar teoria e prática, levando em conta as diferentes fases de desenvolvimento das crianças e a diversidade presente na sala de aula. Para isso, o uso de atividades lúdicas e materiais concretos se mostram fundamentais, ajudando as crianças a aprenderem de forma mais envolvente e efetiva.

Nesse cenário, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) destaca-se como uma política pública voltada à formação inicial de professores, ao promover a aproximação entre universidade e escola básica. O programa possibilita aos licenciandos vivenciarem a realidade escolar desde os primeiros anos da graduação, contribuindo para a construção da identidade docente, o desenvolvimento de uma práxis reflexiva e o contato direto com os desafios do cotidiano educacional.

Diante disso, este artigo tem como objetivo relatar e refletir sobre as experiências vivenciadas no primeiro ano de atuação no PIBID, em uma escola pública municipal de Ensino Fundamental, no município de Joinville/SC, com foco na importância das atividades práticas no processo de alfabetização e de letramento.

Os sujeitos envolvidos na experiência foram alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como professores regentes e pibidianos participantes do projeto. A inserção no ambiente escolar ocorreu de forma sistemática, possibilitando a observação direta das rotinas pedagógicas, das interações em sala de aula e das estratégias utilizadas no processo de alfabetização e letramento. A partir da observação *in loco* e da participação ativa nas rotinas pedagógicas, descrevem-se práticas como a contação de histórias, a confecção de alinhavos e a sistematização de dígrafos, articulando-as a referenciais teóricos da área. Busca-



se, assim, compreender de que forma tais estratégias contribuem para a aprendizagem das crianças e para a formação docente do pibidiano.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência, de natureza qualitativa e de caráter descritivo, uma vez que se propõe a descrever e analisar as vivências pedagógicas desenvolvidas no contexto do PIBID. Para Gil (1999), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa mostra-se adequado para estudos que buscam compreender e analisar situações educacionais tal como elas ocorrem, permitindo ao pesquisador observar, registrar e interpretar os dados de forma criteriosa.

Como procedimentos metodológicos, utilizaram-se a observação in loco e a participação ativa nas atividades desenvolvidas em sala de aula, caracterizando uma observação participante. De acordo com Lüdke e André (2013), esse método permite ao investigador o contato direto com as especificidades, possibilitando que ele se torne parte do contexto para melhor apreendê-lo. Assim, as atividades foram desenvolvidas por meio da inserção ativa na sala de aula, sendo que as atividades pedagógicas foram planejadas de forma colaborativa com a regente da turma, em consonância com os objetivos de aprendizagem previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O registro dos dados ocorreu por meio de anotações em diário de campo, que contemplaram as descrições das atividades realizadas, as reações e participações dos alunos, bem como reflexões acerca das contribuições dessas práticas para o processo de alfabetização.

A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa e interpretativa. Buscou-se, especificamente, articular as experiências vividas às teorias que defendem a indissociabilidade entre a apropriação do sistema de escrita e os usos sociais da linguagem, garantindo rigor acadêmico ao relato.

REFERENCIAL TEÓRICO



Os primeiros anos do Ensino Fundamental são uma fase fundamental na jornada escolar da criança, pois é nesse período que as bases da alfabetização e do letramento se consolidam. Para que esse processo seja realmente significativo, é importante que a prática pedagógica vá além de simplesmente passar conteúdos. Nesse contexto, realizar atividades práticas e criativas é essencial, pois incentiva as crianças a assumirem o protagonismo do próprio aprendizado, estimula a curiosidade e aumenta o envolvimento, tanto no crescimento cognitivo individual quanto na socialização e na cooperação com os colegas.

Para FERREIRO (2017) a alfabetização ocorre de forma conjunta demonstrando que esse processo deve ser ativo e criativo:

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget colocou no âmago de sua teoria. (FERREIRO, 2017, p. 25).

Desse modo, as atividades práticas como a contação de histórias com fantoche e palitoche, confecção de alinhavos e o estudo de dígrafos são importantes, uma vez que, oferecem às crianças formas reais de modificar o conhecimento recebido em forma significativa assimilando a construção no processo de ensino aprendizagem. Conforme afirma Soares (2020):

Ao longo da escolaridade posterior, com a ampliação e consolidação das habilidades básicas já adquiridas, as crianças terão condições de atingir o objetivo último: tornarem-se leitoras e produtoras de textos capazes de fazer uso da língua escrita de forma autônoma para seus objetivos pessoais e de responder adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2020, p. 200.).

Essas atividades práticas reforçam a obra *Imaginação e Criação na Infância* (VIGOTSKI, 2018), na qual o autor discute como o que é concreto se relaciona com diferentes formas de expressão. Para Vygotski, a imaginação está vinculada à lei da realidade emocional, aspecto fundamental para a descrição de certas atividades de nossa pesquisa. Isso significa que o emocional exerce influência direta sobre a fantasia, determinando o que a criança irá imaginar após ouvir uma história ou assistir a uma encenação teatral.

Por outro lado, a terceira forma – que o autor define como a lei da realidade emocional – trabalha com o caráter emocional, baseando-se na influência que esse fator tem sobre a fantasia. Podemos observar que, ao contemplarmos uma pintura, tanto suas cores quanto as expressões das personagens, essa pintura pode causar-nos espanto e tristeza ou alegria e contentamento, dependendo das cores e expressões utilizadas pelo pintor, pois exercem influência direta em nossas emoções (SILVA; FERREIRA, 2021, p. 295).



Sob essa ótica, entendemos que as atividades como a contação de histórias com palitoches e fantoches contribuem de forma significativa para o desenvolvimento da imaginação dos pequenos. Do mesmo jeito, quando as crianças, participam de atividades como pintura e recorte tal como ocorreu na experiência realizada em sala e que será abordada nos resultados e discussões, ou seja, as crianças ampliam suas possibilidades criativas, explorando diferentes formas de expressão. Conseqüentemente, o faz de conta sobressai como outra dimensão da imaginação, permitindo que a criança vivencie situações fictícias e atribua novos significados, como destacam Silva e Ferreira (2021):

Vygotski trata também da criação teatral na idade escolar, destacando a importância do ato de encenar e de dramatizar, pois, por meio dele, a criança é estimulada a brincar, criar, improvisar, preparar, desenhar etc. tudo quanto ela precisar para a apresentação de sua cena, fortalecendo diretamente a imaginação. (SILVA; FERREIRA, 2021, p. 295).

A contação de histórias é uma atividade prática de grande importância no processo de alfabetização, uma vez que atrai o interesse das crianças favorecendo participação ativa. Através dessa prática, os alunos não apenas escutam, mas também interagem, realizando perguntas e fazendo trocas significativas. Desse modo, a leitura possibilita que a criança percorra diferentes espaços e épocas, ampliando ainda mais sua imaginação ao atribuir sentidos a cheiros, sentimentos e experiências. Além disso, permite o contato com outras realidades e personagens, ou seja, a criança tem um mundo maior do que imagina que perpassa de uma sala de aula, é o que a autora Abramovich (2009) nos diz. “É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...” (ABRAMOVICH, 2009, p. 17).

A base de tudo sempre será o letramento, porque leitura e escrita são, basicamente, formas de comunicação e interação. A alfabetização deve ser vista pela criança como uma ferramenta que permite que ela participe das práticas e usos da língua escrita. Assim, uma história que ela lê pode gerar várias atividades de escrita, além de despertar uma curiosidade que a leve a buscar informações em outras fontes. Frases ou palavras da história podem virar objetos de atividades de alfabetização, e poemas podem ajudar a criança a perceber rimas e aliterações. O mais importante é que as crianças estejam inseridas em um ambiente letrado — ou seja, um espaço que estimula a leitura e a escrita — e que, nesse ambiente, todas as oportunidades sejam aproveitadas de forma planejada e sistemática para dar continuidade ao



processo de alfabetização e letramento que elas já estavam vivendo antes de ingressar na educação infantil (SOARES, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, analisamos as intervenções realizadas, articulando a prática observada aos pressupostos teóricos que sustentam a alfabetização na perspectiva do letramento.

O Alinhavo e o Desenvolvimento da Motricidade Fina

A atividade prática de confecção do alinhavo configurou-se como a primeira intervenção planejada para a turma, tendo como objetivo principal mitigar as dificuldades de preensão do lápis e de traçado das letras observadas no grupo. Para a execução, cada estudante recebeu um prato de papelão com perfurações em suas extremidades e um segmento de barbante. O desafio consistia em transpassar o fio pelas perfurações, utilizando o movimento das mãos para entrelaçá-lo de forma que o resultado visual se assemelhasse a uma "teia de aranha".

Sequencialmente à etapa do alinhavo, as crianças receberam metade de uma folha de papel A4 e foram instruídos a dobrá-la ao meio. Sob orientação, desenharam o contorno da própria mão, omitindo o polegar, posicionando o punho rente à dobra do papel. Ao recortar o papel duplo, os dedos desenhados passaram a representar as pernas da aranha em ambos os lados, integrando a atividade motora a uma proposta lúdica de criação. Cada aluno finalizou a tarefa personalizando seu desenho com as cores de sua preferência.

Ao manipular o barbante e o suporte perfurado, os educandos praticaram a cooperação visomotora (óculo-manual) e o movimento de pinça, além de estimular a concentração e a criatividade. Observamos que muitas das crianças apresentaram dificuldades em produzir a trama, necessitando de auxílio para concluir a atividade.

Esta intervenção fundamenta-se nos estudos de Fonseca (2012) sobre a psicomotricidade, os quais apontam o controle motor fino como um pré-requisito biológico essencial para a grafia. A análise das vivências revelou que o uso sistemático de materiais concretos proporcionou maior segurança e firmeza no registro escrito, ratificando a premissa de que o desenvolvimento corporal é um agente ativo e indissociável do processo de alfabetização.



Conforme demonstrado na figura 1, a atividade de confecção dos alinhavos foi exposta no corredor de acesso à sala de aula.

Figura 1: Atividade de alinhavo desenvolvida pelas crianças



Fotos: Rosicler Sartori (2025).

Sobre a Contação de Histórias

A contação de histórias configura-se como uma prática recorrente e essencial no cotidiano escolar. No contexto das intervenções realizadas, destacam-se duas experiências que utilizaram recursos lúdicos distintos para envolver os educandos. A primeira foi a narrativa de “A Cesta de Dona Maricota” (Tatiana Belinky), mediada pelo uso de palitoches. A segunda, o livro "A Fabulosa Máquina de Amigos" (Nick Bland), foi apresentado por meio de um teatro de fantoches. Ambas as atividades foram realizadas na biblioteca escolar e decorreram com as turmas do primeiro ano do período matutino.

Essas ações foram planejadas não apenas como momentos de entretenimento, mas como estratégias deliberadas para a ampliação do repertório linguístico e o fortalecimento da oralidade. Ao ouvirem as narrativas, as crianças são instigadas a praticar a compreensão textual; ao responderem aos questionamentos sobre a trama, praticam a expressão oral e a organização do pensamento.

Nesse processo, destacamos a observação de um aluno que, embora apresentasse notável dificuldade na execução das atividades gráficas em sala de aula, demonstrou um



desempenho notável durante as contas. Ao ser questionado sobre as histórias, o estudante conseguiu desenvolver um raciocínio lógico e verbalizar suas percepções sem dificuldades, evidenciando que a mediação lúdica e oral pode ser um canal inclusivo de aprendizagem e manifestação do conhecimento.

Essa observação corrobora o pensamento de Abramovich (1997), que defende o ato de ouvir histórias como o marco inicial da formação do leitor, permitindo à criança imergir no mundo da escrita através da voz do outro:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... É formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a amar um autor, um gênero, uma ideia, um assunto, e daí, ir seguindo por essa trilha e ir encontrando outros e novos volumes... (ABRAMOVICH, 1997, p. 143-144).

Portanto, a atividade funcionou como um suporte robusto para o letramento, garantindo que a inserção na cultura escrita ocorresse de forma prazerosa e significativa, respeitando as diferentes formas de expressão dos alunos, conforme preconiza Soares (2020).

Figura 2: Apresentação dos teatros de palitoches e fantoches



Fotos: Rosicler Sartori (2025).

Atividade com dígrafos

No que tange à sistematização das convenções ortográficas, as atividades de complemento de palavras com dígrafos (como LH, NH e CH) permitiram que os alunos



refletissem sobre as irregularidades e a complexidade sonora da língua portuguesa. Para viabilizar essa intervenção, foram confeccionados cartões que apresentavam uma imagem acompanhada de uma palavra lacunada. A dinâmica envolveu um elemento de surpresa e engajamento: os cartões eram fixados no quadro com as palavras de forma oculta, e cada estudante, ao escolher um cartão, deveria identificar o dígrafo faltante e completar a grafia correta. Por ter sido realizado na reta final do ano letivo, observou-se que a turma demonstrou segurança na execução, evidenciando uma evolução na familiaridade com essas estruturas silábicas.

A relevância dessa prática ganha contornos mais nítidos ao retomar uma sondagem diagnóstica realizada pela Supervisão da escola em setembro de 2025. Naquela ocasião, notou-se que nenhum aluno de uma das turmas do primeiro ano matutino conseguiu grafar corretamente a palavra "sanduíche", apresentando dificuldades específicas com o uso do "CH". Esse dado reforçou a importância de intervenções que desloquem o aluno da mera reprodução para a análise da palavra.

Figura 3: Atividade com dígrafos



Fotos: Bárbara Hann da Silva (2025).

O momento em que a criança compreende que dois sinais gráficos (grafemas) podem representar um único fonema constitui uma descoberta crucial na fase alfabética. Conforme preconiza Moraes (2014), a aquisição da ortografia não deve ser reduzida a um processo de memorização passiva, mas especializada como um sistema que exige reflexão consciente do



aprendiz. Por meio de jogos e do conjunto de materiais concretos, a atividade transformou um conteúdo abstrato em um processo de investigação ativa, facilitando a consolidação da consciência fonológica e garantindo uma transição mais sólida para a autonomia na escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica cada vez mais claro que o processo de ensino e aprendizagem precisa oferecer ao aluno oportunidades de observar e interagir, especialmente na alfabetização e no letramento. Conforme aponta Massabni (2011, p. 09), “as atividades práticas possibilitam aprendizagens que a aula teórica não alcança, constituindo-se como compromisso tanto do professor quanto da instituição escolar em oferecer tais experiências para a formação integral do estudante”.

Diante do exposto, a pesquisa buscou entender como estratégias práticas e lúdicas podem potencializar a aprendizagem da leitura e da escrita, pois configuram como valiosa ferramenta de mediação docente, oportunizando para a criança a construção do conhecimento. Sob essa ótica, o presente estudo evidencia a relevância das atividades práticas nesta etapa inicial da escolarização, visto que as vivências proporcionadas pelo PIBID ratificam que a alfabetização e o letramento devem ocorrer de forma integrada, articulando teoria e prática de maneira indissociável.

Para além do desenvolvimento dos estudantes, a inserção no PIBID é atuosa como um divisor de águas na formação acadêmica, transpondo os limites da teoria universitária para a complexidade do cotidiano escolar. Como defende Pimenta (2012), a identidade docente é um processo de construção contínua, alimentado pela unidade entre teoria e prática. Assim, a oportunidade de planejar, intervir e, sobretudo, observar as nuances da sala de aula, consolidando a postura de um professor reflexivo (SCHÖN, 2000). Conclui-se que o PIBID cumpre seu papel fundamental ao antecipar os desafios da docência, garantindo que o futuro professor chegue à rede pública com uma práxis pedagógica mais crítica, humana e comprometida com o direito de aprender de todas as crianças.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).



Um agradecimento em especial a nossa coordenadora do projeto, Professora Tânia Unglaub, pela motivação e incentivo diário, e a nossa supervisora na escola, Professora Bárbara Hann da Silva, por compartilhar conhecimentos e amor pelo que faz.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: **gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009. p. 17-23. Disponível em:

<https://docs.google.com/file/d/0BwllJRnCJi0hMmg2SjVRdHhHY3c/view?resourcekey=0-45QjAzN7jo1LElgpw8P9> Acesso em 24 de jan. de 2026.

ANDRADE, M. L. F. de, & MASSABNI, V. G. (2011). **O desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de ciências**. *Ciência & Educação*, 17(2), 287-304 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/vYTLzSk4LJFt9gvDQqztQvw/?lang=pt> Acesso em 25 de jan. de 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização. v.6. (Coleção questões da nossa época)**. 26. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. *E-book*.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONSECA, Vitor da. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Lisboa: Âncora, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/206041779/Victor-Da-Fonseca#content=query:motor,pageNum:8,indexOnPage:2,bestMatch:false>. Acesso em 21 de jan. de 2026.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.



MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em:

https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em 21 de jan. de 2026.

MASSABNI, Vânia Galindo. **O papel das atividades práticas na formação de professores**. Revista Eletrônica de Ensino de Ciências , v. 2, 2011.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SCHÖN, Donald A. **O educador reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem nas profissões**. Porto Alegre: Artmed, 2000. Disponível em:

https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/celte/article/view/1654/pdf_1 Acesso em 21 de jan. de 2026.

SILVA, Maurício; FRANCHI, Vanessa Leão. VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. **Cadernos de Pós-graduação**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 294–296, 2021. DOI: 10.5585/cpg.v20n1.18798. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/18798> . Acesso em 22 jan. 2026.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: Toda criança pode aprender a ler e escrever**. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2017. E-book. 195 p.





VENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

V PIBID SUL | V Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
III ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

